

## ENSINO DE PONTUAÇÃO: CONSTATAÇÕES, PROBLEMAS E UMA ALTERNATIVA

CARLOS ALBERTO DE OLIVEIRA  
(Universidade de Taubaté-UNTAU)

### 1. Considerações iniciais

Pesquisas sobre *erros* de pontuação em redações de vestibulandos e sobre algumas características oriundas da transposição do código oral para o escrito deixaram entrever que há indícios da existência de um padrão de *erro*. Diante dessa constatação, levantou-se a seguinte hipótese: alunos não aprendem porque não lhes é ensinado adequadamente; em decorrência, buscam suprir suas necessidades de comunicação, usando algum tipo de regra não autorizada pela norma, mas existente no sistema lingüístico.

Um fato que parece corroborar essa hipótese é, um truísmo, a existência de um “saber” prévio dos falantes-ouvintes de dada língua, no que tange, no mínimo, ao uso da modalidade oral. No entanto, a Escola insiste em desconsiderar esse saber apriorístico, tratando alunos como neófitos na prática da língua materna. Na realidade, são tomados como aprendizes de uma língua “estrangeira”: a norma culta da modalidade escrita da língua-mãe.

Uma breve consulta a manuais didáticos parece corroborar ainda mais essa hipótese, pois, estes, dentre outros fatores, ao tratar, por exemplo, da virgulação: a) usam exemplos “bem-comportados” que pouco auxiliam na produção escrita cotidiana; b) geralmente apresentam somente uma base sintática como critério; c) apresentam explicações complexas, porque descontextualizadas, pragmaticamente falando.

Acrescente-se que nas novas mídias, quando se trata do ensino a distância, percebe-se o uso dos mesmos recursos que se mostram, no mínimo, inócuos no ensino tradicional. Na *internet*, por exemplo, os cursos de Língua Portuguesa que ali são oferecidos, ou são mera transposição das normas do livro didático, ou são

aulas não-presenciais, com didática similar à da aula presencial tradicional. E a veloz proliferação desses cursos pode estar disseminando algum *padrão de erro*, que, parece, os alunos adotam em suas redações. Essa rapidez disseminadora e sem controle do ensino a distância contrasta com a necessidade do estudo aprofundado (e, por isso, demorado) do material didático. Com resolver esse impasse?

Pretende-se, pois, sucintas, uma reflexão sobre o ensino-aprendizagem da pontuação (especialmente, a vírgula) e uma proposta de alternativa de solução para o problema. Esta, contudo, não será a única, nem a última e nem esgota o assunto em discussão.

## 2. Para onde apontam as pesquisas

A partir de um trabalho (Oliveira e Rechdan, 1999), cujo objetivo era detectar a existência de algum *padrão de erro* em redações, constatou-se que 72,06% dos fenômenos presentes na análise das redações de um grupo de controle se repetia na análise de outras demais redações. Uma segunda pesquisa (Lobato, 1999), objetivando a detecção de ocorrências oriundas da transposição do código oral para o escrito, deixou evidente que: a) os entrevistados procuraram usar recursos linguísticos (existentes no sistema, mas “estranhos” naquele contexto) que julgavam válidos, para suprir uma necessidade de expressão, b) a intimidação da escrita fez com que, para evitar-se o constrangimento do *erro*, fosse seguido algum padrão já conhecido (ou pretensamente conhecido) de produção escrita.

Assim posto, pode-se inferir, com relação ao padrão de *erros* dos alunos, que eles sempre irão buscar *soluções* outras para suprir suas “falhas”. Nas novas mídias, é que se percebe melhor essa “solução” do usuário do código escrito, quando submetido a uma necessidade expressional: para as “conversas” via *internet* foi elaborado um estilo todo próprio de abreviações e pontuações, para expressão num meio de comunicação escrito em que se quer simular o oral.

Ou seja, o falante-ouvinte, pelo saber intuitivo do sistema linguístico que usa e pelo desconhecimento de ferramentas apropriadas para “traduzir” a manifestação oral para o papel, cria uma modalidade própria de língua escrita, a qual possa vir a suprir suas necessidades cotidianas de comunicação.

Além disso, o constrangimento que a Escola lhe impõe pelo seu desconhecimento das regras dessa língua “estrangeira” faz com que a atividade de escrever se transforme num espécie de “castigo escolar”, do qual a grande maioria tenta escapar.

## 3. Sobre o problema da pontuação

Na apresentação de resultado de teste de um *software* comercial para reconhecimento de voz e conseqüente transposição para texto escrito, Miller

(1999) diz: "Outra coisa que me fez demorar mais foi a necessidade de ditar todas as marcas de pontuação.". Percebe-se claramente que o problema de regulamentar a pontuação continua existindo, pois não há ainda algoritmos que possam equacionar essa difícil etapa da produção escrita. Logo, deduz-se, não há regras claras o suficiente para nortear os alunos nessa tarefa.

Luft (1996, 18) afirma que: "... a má pontuação é um atestado gráfico da atrofia do pensamento lógico. Atestado também da ignorância do que seja uma frase, sua estrutura e montagem.". Contudo, nas pesquisas comentadas anteriormente, simplesmente acrescentando (ou trocando ou retirando) alguma marca de pontuação, têm-se frases (e textos) logicamente elaboradas, como nos exemplos a seguir:

(i) O homem ao conscientizar que se ele cortar uma árvore, poluir o ar e as águas dos rios, ele estará olhando para o seu interior e sentindo que fazendo atingirá outras pessoas, que como ele necessitasse do oxigênio para sobreviver. (Rechdan, 1999, 67)

(ii) Nos tempos atuais, os homens seja branca, negro, europeu, asiático, não importa sua cor ou origem estão se fortalecendo cada vez mais, não me refiro ao poder bélico e sim na cultura, uma vez que buscam ideais e filosofia inovadoras. (Rechdan, 1999, 69)

(iii) A preocupação do homem, ou seja, do ser humano em geral é, como preparar uma criança para o mundo. Conscientizados dos problemas existenciais como a educação precária, a violência, a baixa renda, a negligência, o desnível social, o desemprego. (Rechdan, 1999, 74)

Logo, pode-se inferir que o aluno está sabendo organizar seu pensamento. No entanto, na "tradução" do mesmo para o código escrito, faltam-lhe ferramentas para a consecução desse objetivo, o que o faz buscá-las em outras fontes.

#### **4. Sobre o ensino da pontuação, as novas mídias e o material didático**

Fávero, Andrade e Aquino (1999) mostram um experimento, no qual, transcrevendo um texto oral, segundo normas específicas, por meio de várias versões, os alunos chegaram ao texto escrito, com resultados animadores. Dizem ainda que: "A aplicação de atividades de observações que envolvem a organização de textos falados e escritos permite que os alunos cheguem à percepção de como efetivamente se realizam, se constroem e se formulam textos." (*op. cit.*, 83). E acrescentam:

Talvez conhecendo um pouco mais como se processa a elaboração do texto oral, o professor possa não só compreender melhor as produções escritas de seus alunos, como também aprimorá-las sem que percam a sua expressividade, fazendo do trabalho com textos uma atividade dinâmica e produtiva. (*op. cit.*, 92)

No entanto, o material didático tradicional é, em última análise, unimídia e estático. E, convenhamos, o mesmo não é muito atrativo, se cotejado com outros recursos midiáticos. Porém, as novas mídias, com uma gama de recursos “dinâmicos e sedutores”, ou não são lembrados como recursos didáticos ou são mal aproveitados quando usados.

Pode-se citar o *software* educacional como exemplo: quando não inserto na situação anteriormente comentada, pouco, ou quase nada, acrescenta ao ensino tradicional. Colcioni (1999) faz uma boa análise de um desses *softwares* (o *Creative Writer*), demonstrando que, embora use com propriedade os recursos da informática para seduzir o usuário, não atinge o objetivo a que se propõe: não explora a criatividade no escrever, nem “ensina” como escrever; simplesmente ensina como usar algumas ferramentas computacionais (editores de texto, dentre outras).

No caso específico da pontuação, tema deste trabalho, os recursos oferecidos por essas novas mídias (a animação, as cores, a interação) são ferramentas vigorosas para que o usuário internalize regras implícitas de pontuação, sem a aridez presente num elenco de normas pouco claras ou, na melhor das hipóteses, difíceis de “visualizar” na produção escrita do dia-a-dia.

Por outro lado, a grande maioria dos cursos de português a distância, ou apenas reproduzem os métodos dos manuais didáticos ou, quando abordam o processo de leitura/redação, assumem que o aluno não tem condição de compreender as complexas regras do como ler/redigir, devendo, então, enviar seu trabalho para ser corrigido por quem sabe.

## 5. Uma alternativa

Com a intenção de conciliar a necessidade de se descobrir novas formas de ensino-aprendizagem da língua materna com o estudo do uso de recursos da tecnologia computacional, postos à disposição, um protótipo de *software* dialógico está sendo testado, usando o conceito de sistemas peritos.

Baseado em conceitos de Inteligência Artificial (Rich and Knight, 1993) e nos trabalhos sobre o processamento computacional da Língua Portuguesa de Oliveira e Gurpilhares (1999); Oliveira e Assis (1996); Oliveira et al. (1996) e Oliveira (1993, 1990, 1989, 1987), esse *software* visa apreender as regras pelas quais o usuário se guia na pontuação de seu texto, guardando tais dados em *frames* e submetendo-os, a seguir, a um motor de inferências, baseado em regras de produção. Aliado a isso, uma *interface* que privilegia o exercício da pontuação, usando-se os recursos *multimídia*, faz com que o usuário interaja com o sistema, abstraindo-se regras para cada caso.

Como recurso didático-pedagógico, utiliza-se o lúdico para “seduzir” e, em testes preliminares, os resultados têm sido favoráveis. Numa explicação sucinta: a) um locutor apresenta pequenas histórias em que a pontuação tem fundamental

importância para algum tipo de desfecho. Por exemplo: uma vidente teria prognosticado para um soldado o seguinte (sem pontuação): “irás voltarás não morrerás lá”. Porém, o soldado foi para a batalha e morreu, o que resultou num desejo de vingança por parte de sua família. Como salvar a vidente, colocando a pontuação adequada para que o texto expresse exatamente a previsão de morte do soldado? b) em outra fase, o usuário interagirá como um locutor que lhe faz algumas perguntas. Após isso, o usuário deve ouvir suas respostas e transcrevê-las, eliminando as idiossincrasias da língua falada (interrupções, hesitações, elementos fáticos, etc.).

Faltam, para isso, no entanto, estudos mais aprofundados sobre aspectos didático-pedagógicos dos recursos midiático-computacionais, tais como, a animação, as formas, as cores, o *layout*, dentre outros.

## 6. Considerações finais

O resultado das duas pesquisas apresentadas mostraram que cada um busca sempre usar os recursos do código escrito, conforme imagina ser o correto. Pode-se notar que são raros os “erros” de vírgula, por exemplo, quando se exige a aplicação de regras claras, como a que versa sobre a enumeração. Nos demais casos, somente a intuição norteia o aluno, pois manuais didáticos e professores, quando abordam o assunto, repetem-se em frases “bem comportadas”, diferentes daquelas engendradas pela necessidade do momento e/ou pela criatividade inerente ao ser humano (pelo menos, no que concerne à língua materna no contexto comunicativo cotidiano).

Nesse contexto, usar os recursos computacionais e as novas mídias, para desvincular o ensino da modalidade escrita da “didática” da escola tradicional, pode ser um alternativa de solução, deixando que o usuário possa fazer valer seus saberes. E, melhor que isso, possa ter consciência de que eles existem de fato e de que possa, ainda mais, apreender satisfatoriamente as peculiaridades inerentes à modalidade escrita da língua materna, a qual ele já domina oralmente.

## Referências Bibliográficas

- COLCIONI, M. M. G. *A sedução do computador e a ilusão da inteligência artificial. Análise do discurso de um software educacional*. São Paulo, 1999. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
- FÁVERO, L. L. ; ANDRADE, M. L. C. V.; AQUINO, Z. G. O. *Oralidade e escrita: perspectiva para o ensino de língua materna*. São Paulo: Cortez, 1999.
- LOBATO, S. F. M. *Considerações sobre a transposição do código oral para o escrito*. Taubaté, 1999. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras) - Departamento de Ciências Sociais e Letras, Universidade de Taubaté [no prelo].

- LUFT, C. P. *A vírgula. Considerações sobre o seu ensino e o seu emprego*. São Paulo: Ática, 1996
- MILLER, S. C. Reconhecimento de voz fica mais preciso, acessível e reduz digitação. *Folha de São Paulo*, S. Paulo, 20 jan. 1999, Informática, p.5, c. 2.
- OLIVEIRA, C. A. de; GURPILHARES, M. S. S. A leitura do texto numa perspectiva cognitivista. In: *Colóquio Internacional "A investigação do Português na África, América, Ásia e Europa: balanço crítico e discussão do ponto actual das investigações"*. 1998, Berlim. Anais. Berlim: Ibero-amerikanisches Institut, 1999 [no prelo].
- OLIVEIRA, C. A. de; RECHDAN, M. L. de A. O erro e o domínio de aplicação. *Intercâmbio*, São Paulo, n° 8, p. 427-430, abr 1999.
- OLIVEIRA, C. A. de; ASSIS, F. de A. T. F. da. Linguística computacional e connexionismo: uma aproximação. *Revista Exatas*, Taubaté, ano II, v. 2, n° 2, p. 65-74, 1996
- OLIVEIRA, C. A. de; ASSIS, F. de A. T. F. da; OLIVEIRA, T. N. de. *Processamento de língua natural: abordagem simbólica ou connexionista?* São José dos Campos, 1996 (INPE-5971-PRP/194)
- OLIVEIRA, C. A. de. A segmentação silábica e a morfologia: um enfoque computacional integrado. *Intercâmbio*, São Paulo, n° 3, p. 185-196, 1993
- \_\_\_\_\_. Ideal, uma interface em linguagem natural para sistemas especialistas. In: *Simpósio Brasileiro de Inteligência Artificial*, VII, 1990. Anais. Campina Grande: UFPB, 1990, p. 39-49
- \_\_\_\_\_. A sintaxe, a semântica e a pragmática: um enfoque integrado baseado no conhecimento lingüístico textual. In: *Simpósio Brasileiro de Inteligência Artificial*, IV, 1989. Anais. Rio de Janeiro: PUCRJ, 1989, p. 219-232
- OLIVEIRA, C. A. de. A morfologia e a sintaxe: um enfoque integrado baseado no conhecimento lingüístico. In: *Simpósio Brasileiro de Inteligência Artificial*, IV, 1987. Anais. Uberlândia: UFUB, 1987, p. 187-196
- RECHDAN, M. L. de A. *Considerações sobre a fragmentação frástica viciosa em textos escritos*. Taubaté, 1999. Dissertação ((Mestrado em Lingüística Aplicada) - Departamento de Ciências Sociais e Letras, Universidade de Taubaté.
- RICH, E.; KNIGHT, K. *Inteligência artificial*. 2ª ed. Trad. Maria Cláudia S. R. Ratto. São Paulo: Makron, 1993